

PIMENTA NA LÍNGUA

BRILHO NOS OLHOS



Dr. João Pimenta, Académico Honorário da Academia Brasileira de Odontologia.



Dra. Susana Traila, 03124 da OMD.

Um dia “tropecei” com a colega Susana Traila...foi uma bênção...a sua alta sensibilidade e valores fazem-me acreditar que este mundo pode ser diferente...e melhor...

O seu livro “A purga da virulência” mostra-nos o seu pensar e a sua essência; um ser que sendo um eterno aprendiz, sabe que é da inquietação que podem surgir respostas...

“Olhar para o outro mundo, para além da visão imediata. Vislumbrar para além da função sensorial pela qual os olhos põem os Homens em relação com o mundo externo. Subir para ampliar o seu campo de visão. Elevar-se com a humildade de quem não aceita a tradição que, imposta, corrompe”.

Pedi-lhe um texto para o “Pimenta na língua”...livre...porque só os seres livres são verdadeiros...fora da tal tradição que corrompe.

E eis que, parecendo combinado, envia-me palavras com que me identifico plenamente...a ética sempre presente... associada à vocação...“com título, mas sem vocação, a profissão resume-se a exercer uma actividade remunerada. Desrespeito pela humanidade. Ocupação sem paixão. Sem brilho nos olhos”.

Poucos, como diz e muito bem, têm “vocação e profissão em concordância”...daí tantos atropelos a princípios filosóficos médicos, éticos e deontológicos...sejamos honestos: a grande maioria dos médicos dentistas são-no porque não entraram em medicina...falta “a profissão”...e têm que trabalhar, muitas vezes, em locais onde pensam que ética é uma marca de roupa...

“O mérito e a economia foram substituídos pela vantagem...”e “não basta ser tecnicamente competente”...

Deixo-vos com esta reflexão da Susana, esse ser iluminado e que nos ilumina...

Uma homenagem a todos os profissionais que integrando as equipas de saúde oral - médicos dentistas, assistentes dentários, higienistas, técnicos de prótese, recepcionistas - vivenciam a medicina dentária com um brilho nos olhos. De acordo com a definição da Federação Dentária Internacional (FDI) - a voz global da profissão, a saúde oral “é multifacetada e inclui a capacidade de falar, sorrir, cheirar, saborear, tocar, mastigar, engolir, e de transmitir um sem número de emoções, através de expressões faciais com confiança, sem dor nem desconforto e sem doenças craniofaciais.” “A medicina dentária é uma profissão única, que combina a concepção intelectual de um trabalho com a execução médica, operatória e cirúrgica do mesmo, com procedimentos adequados realizados no paciente.” (in Edição comemorativa dos 20 anos da Ordem dos Médicos Dentistas (OMD), 2018). É um modo de proceder qualificado, regulamentado, legislado. É (devia ser) um caminho com brio. Calcorreado, o trilho amado. Iluminado pelo brilho nos olhos. “Qualquer médico dentista, pela sua formação universitária de base, desde que inscrito na OMD e no pleno uso dos seus direitos, está habilitado ao exercício de todos os actos médico dentários no seu âmbito profissional.” Habilitado, aprovado, apto ao “exercício autónomo e livre da arte e ciência médico-dentária. Obrigado ao “respeito das regras de ética e deontologia, próprias da profissão” como testemunha a carta do juramento, no qual prometeu dedicar a sua “existência ao serviço da humanidade”. Cerimónia. Compromisso de Honra. Evento no qual os médicos dentistas assinalam a sua “entrada na profissão.” No qual dão a sua palavra em que se “comprometem a respeitar o doente e a guardar o máximo respeito pela humanidade”. Palavra de honra. Em uníssono. Com cédulas profissionais aparentemente iguais. Números sequenciais. Mas a cada um, o seu fado. Pelo homem-deus, apadrinhado. Vaticinado. Por Deus, predestinado. Razão incognoscível. De antemão. O futuro que lhe está destinado. Juramento. É (devia ser) um momento de uma enorme claridade. Tantos olhos com brilho! Salta aos olhos a importância da vocação. Do chamamento. O bicho do talento a pedir desenvolvimento. Intrínseca motivação sentida num corpo atento. O alento para exercer, não por imposição parental, não pelo dinheiro, não por veleidade, não por capricho, não por vaidade, não para aceitação societal. Não por algo que tolha os seus princípios, e que por gestos ímpios lhe permite no mealheiro o acúmulo. Ser uma livre escolha. Escutar a voz do coração. Com título, mas sem vocação, a profissão resume-se a exercer uma actividade remunerada. Desrespeito pela humanidade. A calar-se, metendo na boca uma rolha. Ao fingimento de uma realização. Ocupação sem paixão. Sem brilho nos olhos. A olhos vistos, sabe-se que uns têm a profissão, não a vocação. Outros - cristos, a sociedade imoral não lhes retribuiu à esmerada vocação, a profissão. Um olho clínico é capaz de perceber com precisa isenção e honestidade, aqueles em que a sua louvável ética - enquanto opção incompatível com a realidade encontrada, lhes impediu a profissionalização. Qualquer um pode abrir os olhos



Desenho de Susana Traila.

e constatar que poucos, muito poucos, têm ambas. Vocação e Profissão em concordância. Emoção e Razão em consonância. Empatia e Técnica, sem a ânsia da ganância. Perícia sem arrogância. Missão sem jactância. E um brilho em ambos os olhos. Nos olhos, a íris. Controla os níveis da luz. No centro, a pupila. A medicina dentária será a menina destes olhos. “O mérito e a integridade foram substituídos pela vantagem - pela economia, pelo consumo, pelo resultado rápido, pelo engano da superficialidade e da complexidade da máquina de interesses, composta por imensas peças na qual também a medicina dentária se converteu, numa construção intrincada e nada inocente, com a nossa convivência. Sim, nossa, da qual fazemos parte, mesmo sem querer e sem nos apercebermos, que alimentamos diariamente quando aceitamos determinadas condições inerentes à sobrevivência e “sucesso” (com aspas bastante grandes), dentro dos moldes que se foram estipulando e impondo.” (In Opinião, Cátia Íris Gonçalves, DentalPro 165, Junho 2022). A olho nu. Aos olhos da Íris. Considera-se crucial direccionar os olhos para a relevância da aplicação dos princípios éticos do agir humano às práticas profissionais, pois não basta ser tecnicamente competente. A ética tem que ver com o que fazemos connosco próprios e com os demais para viver humanamente. As profissões têm uma dimensão social e pública, para além da dimensão pessoal e da dimensão institucional. O profissional não consegue ser um bom profissional se não entender a sua profissão. No livro “Manual de Bioética - Fundamentos e Ética Biomédica” encontram-se as seguintes palavras: “A medicina tem como objectivo central o serviço ao Homem, à sua saúde, e mesmo que o contacto imediato do médico seja com a corporeidade humana, não é possível para nenhum médico, abstrair-se da liberdade e da responsabilidade do ser singular, da totalidade da pessoa do paciente, nem tão pouco do conjunto da comunidade dos homens e do ambiente social. (...) especifica a

particular natureza em que se funda a relação interpessoal na actividade de saúde: trata-se do encontro entre “uma confiança” e “uma consciência”: “a confiança” do homem atingido pelo sofrimento e pela doença, portanto na necessidade, que se entrega à “consciência” de um outro capaz de a assumir e de ir ao seu encontro para o assistir, tratar, curar. O diálogo (entre paciente e médico) tem um valor informativo, um valor terapêutico, e um valor decisional. Um diálogo põe duas consciências diante de um bem maior que as transcende a ambas: a vida e/ou pessoa com os seus valores.” “Uma boa prática clínica deve juntar, em partes iguais, ciência, técnica e ética” (Conselho Deontológico e de Disciplina da OMD). Deve ter olhos na ponta dos dedos. É baluarte da medicina enquanto arte - aplicação de um saber em que a matéria-prima tem um coração a bater, a preocupação de implementar estratégias que permitam a tomada de decisões partilhadas, no que respeita aos direitos fundamentais da pessoa e sua dignidade, garantindo que toda a prestação de cuidados de saúde está orientada para o cidadão, garantindo não apenas o êxito do processo em si, mas também a satisfação quanto à informação, privacidade, intimidade, confidencialidade e ao conforto. Assim os médicos dentistas, e todos prestadores de actividades de suporte, devem encarar a medicina como um saber relacional, em que o paciente é representado nas suas vertentes bio-psico-sócio-cultural-espiritual. Citando o ilustre Professor Abel Salazar: “O médico que só sabe de medicina nem de medicina sabe”. É necessário buscar a complementaridade dos saberes. E saber que todos falamos com os olhos. Que os nossos olhos - esses espelhos convexos que captam a “alma” e a reflectem no olhar - olhem os olhos dos outros. Fiéis mensageiros do sentimento. Que os nossos olhos nos humanizem. Que tenham um reflexo fora do comum: nesta motivação narrativa, que tenham um brilho, em forma de dentes. Um brilho nos olhos! ■